

AMPLÉBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Geral: EDGARD LEUENROTH

COARTAR A LIBERDADE E ESTRANGULAR A VIDA

Perspectiva SOMBRIA

Assetamos presentemente no decurso de acontecimentos que sechem de pavor e inquietude a humanidade. Os planos aterradoros que ficam niter nova destruição e miséria para os povos, estão sendo elaborados, metódicamente, nos laboratórios do capitalismo e do Estado. Nesse sistema de irradiação autoritária e de escravização é que se processam e arquitetam os mais desenvolvidos princípios de HUMANIZAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL.

Que importa a extirpação total ou parcial dos valores humanos, se o sistema capitalista e estatal não encontram ponto de apoio para sobreviver? Por isso a obsessão em fazer prevalecer a viver força, a vida, o moribundo corpo de um regime que se debate nas garras da própria agonia, uma vez que é incapaz de solucionar a mais empedida problema da existência humana? Por que esse delirio fétido dos amplificados regimes baseados na autoridade, em desespero de causa, que não possuem as energias necessárias, em homenagem da ordem organizativa que é a função, real e objetiva, que possui o descontrolado sistema de cangaço legal, para rotular-se, validamente, de mentes e condutas dos povos?

O leão de governo não é mais do que uma expressão estúpida de baixas paixões, de mentalidades malditas, das as cores de preconceitos da sua realidade, dando lugar a que se abraça as portas a infâmia existente de que a humanidade é vítima. A busca por fim dos governantes para monopolizar a torrente das energias humanas, é uma demonstração de forças reacionárias que se manifestam através pelo fim da função organizativa. Cada governante entende que seu domínio é pequeno; por isso procura ampliá-lo, não de importância que essa ampliação represente influência a milhares de cadáveres, que são filhos do povo que trabalha e produz.

Quem ousará negar que nos bastidores da política, tanto nacional como internacional, os incidentes acontecidos no povo estão armados, articulados, a adoção política com a qual esperam salvar as instituições históricas da sua decretação final? Os atuais diplomatas que se veiculam no campo da diplomacia internacional, aproximando o jugoso aspecto das decisões que prometem regenerar e a manutenção da existência dos países, não são mais do que instrumentos de material belco negociando os interesses de destruição e morte, que arrastam a superfície terrestre, em sua insensibilidade de seus sentidos, tudo isso indica que estamos servindo de joguetes nos mãos dos governantes, porque estes assim o desejam.

A situação existente do mundo atual nos é demonstrada pela preferência do O.N.U. para a existência e a função da autoridade e do Estado. Ali se abate a futura mais eficiente de consolidar o regime capitalista, através do Estado forte e autoritário, e mesmo em face a existência moral e material dos povos. Sejam qual for o preço da divisa autoritária convergida pelos senhores da governamentalidade, os povos e que terão de ser sacrificados, de uma ou de outra forma. Sejam como for, o lado exploratório será o povo, e não mais será que serve de carne para canhão nos incalculáveis de viver, salvo o benefício, o futuro da humanidade e a inquietante e amarelado, até a conclusão lógica a que chegamos, diante do esmagamento e fragmento logo de incertezas da sociedade dos Naxos.

O arsenal belico da burguesia abstrata precisa ser mantido. Da importância da guerra está de parábola porque as coisas não correm as suas maravilhas. Os estudos filosóficos resurgem de entusiasmo não a perspectiva da nova situação material, na qual a história de agora terá, mais uma conclusão.

Para evitar a nova "deceção" os povos só podem contar na ação reflexiva e metódica dos homens livres, de toda e qualquer circunstância social, política ou religiosa, econômico ou psicológico, através da ação dos elementos libertários e que estão depositados na consciência de uma nova humanidade, real e seriedade.

MARTÍN GARCÍA

O assassinato de Ferrer

FOI UM DOS GRANDES CRIMES DO REGIME CLERICO-CAPITALISTA



FRANCISCO FERRER JUNTO A FORTALEZA DE MONTJUICH, ONDE FOI FUZILADO

O assassinato de Ferrer é uma lição de história viva. Contemplamos, no cenário da terra, e inevitável transição da humanidade sofrida para a humanidade resplandecente. É o movimento mais profundo, mais essencialmente humano, de toda a luta contra a maldade; porque se não agora o homem tem reformado os meios de produção e agido pelo sentimento, travando a ideia por se reformar a si mesmo e o faz pela inteligência.

A tragédia de Montjuich expõe o fenômeno a luz meridiana. Tris-o de cambiantes tão intensas que a mais toledada das visões não alcança as perspectivas todas do problema da civilização.

Ferrer é um símbolo. Sua vida foi um prenúncio. Sua morte uma definição. Recordando-as vemos a humanidade velha, encorpilhada e tropega, amortalhada nos preconceitos, ciumbada ao regime de casta, onde se consagra a dualidade extrema de explorados e exploradores: padres, leigos, régulos, inteiros de um lado e do outro a desherdada classe dos famintos, proletários sem direitos, tirados no trabalho, sufocados na ignorância, empoderados nos crimes e no crime.

Meditando-as, porém, vemos garfada, pela ação restauradora da Escola Moderna, a nova humanidade a humanidade porvindoura, aliada por si mesma, pelo esforço da cultura intelectual em que a razão se eleva, e se enobrecer o entendimento, e o mundo se revela como existe: através um transformo na perpetuidade da substância indecomponível. E essas duas humanidades se detentam no símbolo de Ferrer.

Ferrer gritando ao morrer: Viva a Escola Moderna! é o triunfo das gerações animadas com a selva libertária, balladas para sempre

com o sangue do martir, cubertas de paz, de amor, dessa essencialidade concórdia, denunciada pelos senhores passados e negada, vilipendiada pelos parasitas de qualquer sorte: reis, capitalistas, papas e marechais.

Ferrer compreendeu a ineficácia das leis e do governo nas reformas sociais, a mistificação das suas promessas, o logro perpetuo em que ministros e parlamentares vão mantendo o povo eleito e submisso.

Alidou com a mais principal, merec da qual os homens de linha exploram descomodamente o labor dos homens de baixo. Essa miola é a ignorância.

A escravização dos braços só se faz pela escravização da inteligência. A escravização da inteligência se efetua pela educação do Estado e da Igreja. Essa educação consiste do infiltramento de preconceitos e regras e lendas todas a firmar no animo das turbas e obediência passiva aos mandados.

Exige a Igreja o respeito aos dogmas, exige o Estado o respeito aos leis.

Dogmas e leis revertem a favor dos seus promulgadores e mantenedores em prejuizo dos dirigidos, trabalhadores e crentes.

Como resolver, portanto, o grande problema? Destruido os preconceitos, aclarando a inteligência da multidão obscura, espontaneamente os crentes e tendentes todas a firmar no animo das turbas e obediência passiva aos mandados. Essa educação científica assentada exclusivamente na razão observadora.

Aterrorizam hoje as consciências para dominá-las. Ferrer assassinado é a Escola Moderna vitoriosa. O clamor civil do em todo o mundo contra os si-cários espanhóis, aquela onda de odio cujo embate balança o tronco malsinado; esse vozear de protesto, esse alarido de mais humanidade indignada, representa o homem futuro, o Hercules que nasce, rebeça os músculos, que vivece, arrota a fronte contra a hidra- autoridade.

Nos contemplamos serenamente do nosso posto de combate, do dos quadros, esse da morte de Ferrer nos elucidada o entrelaço com uma energia sugestiva tão violenta que logo percebemos a conclusão da peça: a apoteose deluminante do racionalismo libertário.

Na sucessão intercessantíssima dos quadros, esse da morte de Ferrer nos elucidada o entrelaço com uma energia sugestiva tão violenta que logo percebemos a conclusão da peça: a apoteose deluminante do racionalismo libertário.

José OTTICGA

Radio Emissora a serviço da Espanha Livre

Está funcionando na França uma estação de rádio em ondas curtas de 41 metros aproximadamente, a serviço da libertação da Espanha. Essa rádio emissora, que tem o prefixo E.C.N. 1, pode ser ouvida nos seguintes horários: Domingos e Feriados, das 8,30 às 9,30; das 13 às 13,30; das 19,30 às 20 horas. Dias úteis: das 13 às 13,30; das 10,30 às 20, das 21,30 às 22,30, horário de França. Para a América do Sul devem ser as suas irradiações com uma diferença de 4 horas a mais.

Não se deve confundir esta emissora com a que está a serviço do governo Aguirre, que atua na frequência de 43 metros.

Os camaradas que estão à frente da E.C.N. 1 solicitam que os rádio-ouvintes daquela emissora informem como estão recebendo as suas transmissões por intermédio do jornal "Organización Obrera" — Calle Venezuela, 3955 — Buenos Aires, Argentina.

Ainda a fala de D. CARMELO

Em artigo anterior que publicamos nas colunas deste órgão de combate, sob o pseudônimo de "Veterano", tivemos alguns reparos em torno de uma entrevista que D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota concedeu a um vespertino desta Capital com referência ao que se está observando no Velho Mundo.

A França e a Itália, segundo S. ex.ª, ainda estão a bracos com os mais certos problemas sociais, dentre os quais mais se avanta, pela sua importância, o da questão alimentar, no passo que Portugal já conseguiu solucionar definitivamente essa magna questão. Pondo em dúvida, antes brevemente, a asserção de S. ex.ª, dissemos então, que esse problema, pelo menos no que se refere ao Sr. Salazar e a sua eminência o cardinal Cerejeira, de fato, não mais existia em Portugal.

Referido-se ao estado geral dos povos depois das duas hecatombes que ensanguentaram o misero planeta em que rasteia, como um verme, o rei da criação chamado homem, S. ex.ª reconheceu que há uma profunda clausura a reparar. Mas que a Igreja, apesar da sua boa vontade, não pode intervir materialmente para aliviar os males que assolam a humanidade. A intervenção da Igreja não pode ir além da assistência espiritual.

Muito bem. Observamos então, com esta linha de impiedade que nos atormenta, que povos famintos, maltrapilhos, sem teto, sem um mínimo de conforto, desamparados por longos jejuns, expostos em suas últimas energias pelos parastias de todos os tomos, inclusive os taisurados; não podiam pensar em coisas espirituais quando o físico definhava miseravelmente por falta de alimentação substancial e adequada.

Admitindo, porém, que a assistência espiritual da Igreja operasse a milagre de restituir as energias dos homens sub-nutridos, das mulheres esgadas e das crianças macilentas que não são o triste espetáculo de sua miséria, perguntamos: em que consistiria a assistência espiritual da Igreja de D. Carmelo? Missas? Bons conselhos? Pedidos a Deus para aliviar os males que atormentam as classes populares? Conselhos de resignação aos sofrimentos? Paciência, a espera de melhores dias na vida de Deus? Procuramos pesquisar a fundo.

(Conclui na p. 27)

Queremos a liberdade e a liberdade incompatível com a existência de qualquer governo, seja qual for a sua origem e forma, se não pelo imposto, monarquias ou repúblicas, hereditárias ou eleitas, ou no direito popular, ou ainda através do sufrágio universal. Porque a história nos ensina que todos os governos são iguais.

LUISA MICHEL

Porque assassinar Francisco Ferrer

Para se compreender a trágica jornada que teve como epílogo a morte de Francisco Ferrer, devemos voltar ao período em que se deu a queda da Espanha e a queda da República espanhola, e preciso que nos remontemos ao período em que se deu a queda da Espanha e a queda da República espanhola, e preciso que nos remontemos ao período em que se deu a queda da Espanha e a queda da República espanhola...

ANTECEDENTES DO ATO CRIMINOSO QUE LEVOU AOS MUROS DO CASTELO DE MONTJUICH, PARA SER FUZILADO UM DOS MAIORES PALADINOS DA LIBERDADE E FUNDADOR DA ESCOLA MODERNA

divinos das classes pobres, que não podiam dispor da importância necessária no pagamento da taxa que os levava ao serviço militar, como aconteceu com os filhos de políticos influentes, iam servir de carne para canhão e morrer ás mãos dos miqueletas e também por suas mãos, e a povo via apenas a satisfação dos antigos feudatistas e a fuga dos interesses da classe trabalhadora da continuação da guerra de terra por interesses pessoais, que era o proprio governo.

Para justificar as perseguições e julgamentos decretados pelo governo, este precisava da existência dos "desconhecidos" e "institutos de direita, que via na Escola Moderna e na figura do Francisco Ferrer a torção da liberdade e a ameaça ao poder da burguesia, que precisava da existência dos "desconhecidos" e "institutos de direita, que via na Escola Moderna e na figura do Francisco Ferrer a torção da liberdade e a ameaça ao poder da burguesia...

Na verdade, não podemos deixar de mencionar o conceito que Ferrer teve na educação e a educação de sua contemporânea. Quando surgiram os acontecimentos de Barcelona, Francisco Ferrer preparava a publicação de um "Estatuto de la Escuela Moderna" em 12 volumes, tendo já publicado o primeiro "Estatuto de la Escuela Moderna" em 12 volumes, tendo já publicado o primeiro "Estatuto de la Escuela Moderna" em 12 volumes...

bre e la "Escola Moderna" editou em quantidade volumosa "Estatuto de la Escuela Moderna". Não nos permitiu o espaço restringido nos estatutos de que falamos aqui, nem a morte de Ferrer e da Escola Moderna, que se deu assassinada em 1874, quando Miguel Maura e Alfonso XIII fizeram tomar inoportunamente a direção do governo em 1909.

Movimento Anarquista no Japão

Por intermédio do companheiro Li Pei Kan, de Shanghai, o jornal anarquista "Freedom" recebeu notícias do movimento anarquista japonês, de que destacamos a seguinte nota:

"Existe no Japão um vasto movimento anarquista. Atualmente este movimento encontra-se em sua primeira fase, "Hsinlin Chihshin" (Jornal do Foco), com a tiragem de 600.000 exemplares. No dia 16 de maio do corrente ano teve lugar em Tóquio o terceiro Congresso da Federação Anarquista Japonesa. Das declarações de princípios daquela sessão, os companheiros do Grupo Internacional do Japão fizeram uma tradução em português que Li Pei Kan transmitiu ao "Freedom". Publicamos a seguir, traduzido de "L'Adultera dei Reclutari", essa correspondência de Li Pei Kan.

soas sendo os povos reduzidos à miséria e a fome. Não obstante, a situação não está melhorando, a situação não está melhorando...

QUEM ERA FRANCISCO FERRER? Francisco Ferrer nasceu em Aitona na provincia de Barcelona e contava 38 anos ao morrer de seu fuzilamento. Foi ferreiro e jornalista, um bom historiador e um excelente orador que agitava as classes trabalhadoras. A Revolução Francesa tinha acabado a fome e a reivindicação humana e o movimento universal convergia a liberdade dos povos e a liberdade do domínio clerical e da tirania dos regimes autocráticos e feudais.

Afirmando o anarquismo

A afirmação da necessidade da liberdade individual consiste em um princípio essencial ao desenvolvimento da personalidade.

Partindo do princípio de que o indivíduo é o ponto de partida de toda a ação, não se pode considerar o domínio coletivo, é impossível que ele usufrua a mais ampla liberdade para que possa atingir o desenvolvimento desejado. A solidariedade, portanto, é uma necessidade vital, e o ponto de partida da sociedade atual, por mais reduzida que seja seu âmbito, ninguém pode escapar à necessidade de utilizar em benefício próprio, para sua conservação, os meios de trabalho dos outros, isto pelo aspecto exclusivo da liberdade individual, visto que essa tem seus limites naturais demarcados pelo respeito que devemos à liberdade dos outros, semelhante à que nos devemos a nós mesmos, em obter para cada indivíduo um máximo de liberdade, de conforto material e moral.

na atmosfera de corrupção criada pelos organismos estatais. A autoridade (o Estado) é o meio pelo qual o capital se mantém. E preciso, pois, destruir o Estado assim como todos os outros, de que o capital lança mãos para obter lucro, se quer não desaparecer a luta de classes, estirada das desigualdades sociais. O Estado, mesmo socialista, com a máquina administrativa que constitui sua estrutura, e com seu fanatismo, não poria termo à luta de classes; substituir as mesmas desigualdades sociais, não seria uma nova classe privilegiada — a do funcionário — com o novo Estado, o capital, sob novas formas, continuaria a brigar, como sempre, entre os indivíduos, mesmo porque não eliminaria a diversidade de interesses provocada pela luta de classes e territorialização, para manter suas posições, estaria fatalmente contra as "liberdades" da maioria.

AINDA A FALA DE D. CARMELO

(Conclusão da 1.ª página)

netar no amago da questão aventada pelo arcebispo de S. Paulo e quanto mais se sabe em nossa mente a questão de saber em que consistia a assistência espiritual prometida por D. Carmelo, mais nos aturdevamos no abismo da perplexidade e da dúvida. Quanto às missas, paciência que serve para tudo, tanto para sustentar a fé dos católicos, para fazer graças por um bom exame de formatura, ou para o exorcismo de uma aventura guerreira, para todas as coisas de que se pode servir a Igreja, e para o exorcismo de uma aventura guerreira, para todas as coisas de que se pode servir a Igreja, e para o exorcismo de uma aventura guerreira, para todas as coisas de que se pode servir a Igreja...

Nestas condições, tornou-se o ministério Ashida, com a sua combinação entre os partidos burgueses e o Partido socialista, no qual predomina o elemento militar, a substituição ao domínio do burocrata. Os novos governantes confiaram na ação do capital estrangeiro para a reconstrução do Japão, e para compensar esta ajuda, que não recebem, procuram sufocar os conflitos de classe, as greves e os anseios dos trabalhadores. Contemporaneamente, fazem aquisições forçadas dos produtos agrícolas, tentando os "latifundiários" da lavoura violarem abertamente as leis da reforma agrária, desenvolvendo negócios à base do mercado negro, que tirariam seus impedimentos.

Revolução social, rica herdeira de uma grande e das famílias francesas, aterrorizou de tal forma os sentimentos de Ferrer, de tal maneira se projecta na sua inteligência a herança de liberdade que se encontra em seu testamento, sabendo que Ferrer alcançava um novo grandioso destino: a vida anual de 18.000 francos de mais cada ano, tinha em Paris.

Ferrer pôde, então, iniciar a realização do vasto plano que tinha em mente. Voltou a Espanha a fundar a Escola Moderna, que se tornou um centro de luz que irradiava inteligência e liberdade para a Espanha e para o mundo. Ferrer pôde, então, iniciar a realização do vasto plano que tinha em mente. Voltou a Espanha a fundar a Escola Moderna, que se tornou um centro de luz que irradiava inteligência e liberdade para a Espanha e para o mundo.

Para nós, o Estado é um meio de expressão brutal de que dispõe o princípio de autoridade em prejuízo do princípio de liberdade. A magistratura, a polícia, e as forças armadas, são frutos naturais da sua existência. Conseqüentemente, o Estado, o ponto de partida de toda a ação, não se pode considerar o domínio coletivo, é impossível que ele usufrua a mais ampla liberdade para que possa atingir o desenvolvimento desejado.

Logo, as missas como assistência espiritual em prol da miséria humana estão fora de toda e qualquer costura. Quanto à assistência que possa constituir a tal assistência preciosa, da por D. Carmelo, e bem de ver que não há necessidade de intervenção do padre para que o pátria seja finalmente a Deus e se resignem, quer queira ou não, a sua sorte. Continuamos, portanto, na mesma. Almas ilustres que somos, com um meio inoperante dos fogos do inferno e com profunda renegação do autor das entidades escuras para culpas e culpas, pedimos, humildes e contritos, a D. Carmelo que nos diga, por muito, em que consiste a assistência espiritual de igreja em benefício da libertação da infelizes e desgraçados, vítimas da injustiça social que a igreja em 20 séculos de atividade não conseguiu curar, nem ao menos ignorar o seu sentido.

Até esta tendência, o vigor dos sindicatos operários e das leis sociais deviam reagir, em vez de a direção dos chefes do Partido Socialista, estas organizações prendem-se às concessões imediatas e fazem-se assistências ao atual governo, enquanto que nas esferas onde predominam os funcionários do Partido Comunista, predominam a ditadura em nome de um dos dois blocos que dividem o mundo, ameaçando o povo com as perspectivas de ser o Japão transformado em campo de batalha, conservando em seu território como o tem feito em todas as partes.

Ferrer concebia a cultura os frutos de sua sementeira grandiosa, que através de sua liberdade, dando como resultado a liberdade da Igreja, tornando para a História Nacional em sua função, com esse em vista, onde enuncia a liberdade como órgão principal, "Freedom" Reclamamos. Apareceram logo a seguir, na "Escola Moderna", uma revista semanal e "Humanidade" em substituição ao "Freedom". Ferrer concebia a cultura os frutos de sua sementeira grandiosa, que através de sua liberdade, dando como resultado a liberdade da Igreja, tornando para a História Nacional em sua função, com esse em vista, onde enuncia a liberdade como órgão principal, "Freedom" Reclamamos. Apareceram logo a seguir, na "Escola Moderna", uma revista semanal e "Humanidade" em substituição ao "Freedom".

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

"Freedom" — (Su vida y su pensamiento) — Unamita Cr\$ 35,00
 "Nuevo cálculo costarricense" — Unamita Cr\$ 35,00
 "Manifesto" — (Su vida y su pensamiento) — Luiz Fabri Cr\$ 35,00
 "Em torno de uma vida" — Pedro Kropotkin Cr\$ 35,00
 "Luís Michel" — (La virgin roja) — Irma Boyer, em Cr\$ 45,00
 "Teoría de la existencia e inexistencia de Deus" — Charles Duches Cr\$ 20,00
 "As ideias absolutistas do socialismo" — Rudolf Rocker Cr\$ 15,00
 "La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkin Cr\$ 85,00
 "O que es la Propiedad" — Freedom em Cr\$ 40,00
 "O Anarquismo en el campo de la vida" — José Oliteira Cr\$ 15,00
 "Sociedade da Montanha" — Tomás de Fonseca Cr\$ 45,00

Pedidos à Caixa Postal 5799
 SAO PAULO — CAPITAL

Tem a palavra o Pastor D. Carmelo.

L. ROSSIO

VELHO TEMA

EVOLUÇÃO OU REVOLUÇÃO?

"A ciência não estabelece diferenças alguma entre as duas palavras, evolução e revolução, cujo significado é grande, apesar de serem utilizadas no mesmo sentido, ou num mesmo sentido, todavia, é certo que a sua significação primitiva."

"O primeiro princípio que é das provas da grande importância de estabelecer entre evolução e revolução um contraste de paz e de guerra, de calma e de não violência. As revoluções podem ser pacíficas, isto é, não violentas, e, portanto, possível mudança no meio ambiente, produzindo um "estado" diferente nos interesses, enquanto que as evoluções podem ser mais rudes, capazes de guerra e consequência." (Benedict Reilly) "Evolução e Revolução".

A violência, propriamente dita, não para os anarquistas o significado de necessidade, do fator imprescindível para a derrocada do Estado, mas de uma consequência inevitável de um concolheço de interesses entre os proprietários do poder e da riqueza e os trabalhadores de todas as camadas sociais.

Não obstante, resistência os privilégios da classe burguesa, permitidos aos produtores, que organizam os seus pontos de libertação em todos os tempos onde fossem convenientes, não implicam em relações sociais e individuais entre os membros das agrupações do mundo todo, respeitando a liberdade do desenvolvimento das células constitutivas da sociedade anarquista, e, portanto, a mais fecunda elementos, os verdadeiros promotores da regeneração humana, intrínsecos aos negócios próprios dos conservadores do regime autoritário capitalista.

Letícia análise da presente situação, o que não é necessário qual quer possível movimento revolucionário, demonstrará a inconsistência da nossa posição, a violência como elemento transformador.

Realmente, se a resistência contra-revolucionária fosse exercida pela classe detentora de todos os bens da sociedade, a luta contra a massa por ela explorada, a luta contra o proletariado, na consistência máxima, da sua verdadeira significação — a revolta armada seria indispensável para o desenvolvimento dos poderes político-militares e a elaboração das bases sobre as se organizaria o futuro sistema comunista autoritário.

Embora no entanto — a revolução social — não consiste na luta entre duas ou mais classes sociais ou estratos, mas sim na ressurreição da própria vida humana, no advento de uma nova ética substituindo os falsos valores da sociedade atual, de raças, de nacionalidades, de castas, de castas, de dignidade do homem, do construtor dos meios necessários à subsistência harmônica da sociedade humana.

A violência, praticada como meio de defesa própria, como resistência natural dos grupos revolucionários contra as tentativas de impedimento feitas pelo poder existente, não é o atual sistema, nunca a essência dos verdadeiros elementos parassitários e dominantes. Para que isso pudesse dar, mister seria que a realidade conservadora fosse realizada por esses mesmos elementos, o que realmente não acontece. As instituições que promovem a conduta iníscua da sociedade atual estão de tal sorte organizadas que a força contra-revolucionária está contida no meio mesmo das massas exploradas, alimentadas pelos próprios pórcos da situação.

As mesmas camadas de trabalhadores de todas as nações, que constituem a base da existência social, hábita os campos, das fazendas, das estradas, dos mares e de mais atividades da construção por meio de todos os elementos que podem proporcionar o desenvolvimento do homem e promover o desenvolvimento econômico do próprio viver humano, mas que, em vez de destruir esse bem-

estar possível, vegetam miseravelmente em condições miseráveis, não são os mantenedores da situação, vigiando os próprios exterminadores de qual quer movimento edificador constituído pelos membros de todas as nações, castas e de mais para abnegação de todos os bens.

Deixei plenas as páginas da história desses tristíssimos acontecimentos.

Nunca o sangue dos mártires foi derramado pelas mãos dos benfeitores da revolução social, jamais foram as barricadas destruídas com os braços dos exploradores das mais confortadoras condições das massas da indústria e do trabalho, em lugar nenhum foram os direitos da liberdade de pensamento, de liberdade de expressão, de liberdade de imprensa, de liberdade de julgamento, nem executados pela mão direta dos nababos, parasitas dos produtores da sociedade contemporânea.

A violência, sempre que provocada por interesses de grupos, jamais foi oponente da massa, os seus beneficiários, os de inimizade mais empedrada, mais impregnada de preconceitos e crenças mentirosas.

Se o material que desse a profundidade de solo para arrastar toneladas de materiais diversos e amontoado que labuta nos arsenais de guerra fabricando milhares de armas diferentes, o único que se encontra nos laboratórios para a pesquisa de alimentos e a produção de materiais diversos, se atrai de armas no meio assassinando os seus próprios computadores de laboratório, se obrigam a praticar tais façanhas, que poderiam ser praticadas contra os próprios de qualquer movimento construtivo da nova sociedade... Que farão os que nunca tiveram a coragem de se erguerem, o aguçado, o insubmisso, o rebelde, os produtores, enfim, das gêneros indispensáveis à manutenção de própria vida, se opuserem um dia a praticar os seus serviços à tirania do dinheiro, a bem dos improdutivos, que se chamam que trabalhar, os marionetes da tirania.

Nenhuma sala, nenhuma morte, nenhuma violência, nenhuma guerra, não pode ser construído por homicidas.

A violência será um elemento que não pode ser usado.

Ela pode a obra libertária em todos os tempos, em todos os lugares, em todos os ambientes: a emancipação dos povos, a libertação dos indivíduos para a transformação da sociedade.

LIBERTO LEMOS REIS

Adoção de um problema da transformação social, da passagem do regime estatal a capitalista para o socialista e anarquista, surge a objeção de que a classe possuidora de todos os bens que constituem o patrimônio social e que dominam, pela força organizada, a classe produtora, estorquando-lhe os frutos do seu trabalho, não deixará esse predomínio econômico e político a não ser pela força, pela violência das massas subvargas.

Como corolário desta objeção, a idéia do estabelecimento necessário do Estado transição para atingir a efetivação revolucionária.

Na sociedade atual, objetivamente, existem duas classes: a burguesa e o proletariado. A burguesia jamais entregará a sua propriedade sobre o proletariado pelo interesse, por sua própria consciência, compadecida do sofrimento dos seus explorados, e porque que a classe trabalhadora organizada, que se arma e se lança contra os oligarcas. Só quando triunfar nessa luta e que poderá dedicarse a construir o novo regime. Mas para isso, não há uma ditadura e a passagem de reorganização, mas para impedir que os remanescentes burgueses se rearmem e preparem a contra-revolução, ratando o seu poder, cujos meios são destruídos e a realização do desenvolvimento do organismo jovem, necessário é que se proletem, tirando do solo revolucionário, um novo Estado, vigilante das atividades do Velho Estado burguês.

Não são estes os termos exatos da alegação feita pelos teóricos do transformismo social, feito pela mudança do poder da classe capitalista para a classe proletária, mas é fato e fato, o fato verdadeiro em que deve ser encarado o problema.

Quanto à segunda parte da questão — a da formação do Estado proletário — todos os anarquistas são acordes em afirmar, e também se defender como condição primária para a transformação e cumprimento imediato com toda forma de autoridade heterônoma, com todo poder político transição.

Quanto ao item primeiro — a necessidade da violência — distinguem-se em duas correntes diversas: a dos partidários da violência e a dos partidários da não-violência.

A FIRMANDO O ANARQUISMO

No plano econômico, o federalismo anarquista, terá como célula, as organizações, autônomas e cooperativas de consumo, (que se trata de indústria, quer da agricultura). No plano social, teremos a comunas; no cultural, os agrupamentos, interesses, dos em difundir todo quanto se relaciona com o ensino. A arte, como a ciência, não será descurada, enquanto a educação permitir a maior amplitude ao usufruto dos benefícios da descoberta, quando os conhecimentos adquiridos, são aproveitados para o bem da humanidade. A supressão do patronato e do salariado deve se processar juntamente com o desaparecimento do dinheiro como meio de troca e capitalista para que o espírito de mercancia seja eliminado. Com a eliminação do dinheiro corruptor, o movimento libertário visa o desaparecimento das desigualdades de distribuição, do trabalho, como o intelectual, o autoritário, como o médico, o proletário não se especializa como o intelectual, todos têm o mesmo direito ao trabalho da vida.

A estrutura da nova sociedade não permitirá que um indivíduo ganhe ascendência de poder pessoal sobre outros semelhantes.

Da perfeita organização futura esperamos o desaparecimento da exploração do homem pelo homem, e do poder do homem sobre o homem. Portanto, o que não é função faz o órgão e o homem — desaparece — quando pelo função, é a esta sua função, o objetivo do desaparecimento puro e simples de todas as instituições criadas pelos diversos regimes de autoridade sejam quais forem suas formas e modalidades de expressão.

AFIRMANDO O ANARQUISMO

No plano econômico, o federalismo anarquista, terá como célula, as organizações, autônomas e cooperativas de consumo, (que se trata de indústria, quer da agricultura). No plano social, teremos a comunas; no cultural, os agrupamentos, interesses, dos em difundir todo quanto se relaciona com o ensino. A arte, como a ciência, não será descurada, enquanto a educação permitir a maior amplitude ao usufruto dos benefícios da descoberta, quando os conhecimentos adquiridos, são aproveitados para o bem da humanidade. A supressão do patronato e do salariado deve se processar juntamente com o desaparecimento do dinheiro como meio de troca e capitalista para que o espírito de mercancia seja eliminado. Com a eliminação do dinheiro corruptor, o movimento libertário visa o desaparecimento das desigualdades de distribuição, do trabalho, como o intelectual, o autoritário, como o médico, o proletário não se especializa como o intelectual, todos têm o mesmo direito ao trabalho da vida.

A estrutura da nova sociedade não permitirá que um indivíduo ganhe ascendência de poder pessoal sobre outros semelhantes.

Da perfeita organização futura esperamos o desaparecimento da exploração do homem pelo homem, e do poder do homem sobre o homem. Portanto, o que não é função faz o órgão e o homem — desaparece — quando pelo função, é a esta sua função, o objetivo do desaparecimento puro e simples de todas as instituições criadas pelos diversos regimes de autoridade sejam quais forem suas formas e modalidades de expressão.

O Conceito de Liberdade

LUICIA FERRARI

Tem-se dito muitas vezes que a palavra "liberdade", tomada num sentido absoluto, é sinônimo de desordem. Nada mais falso. A desordem, a falta de normas, é precisamente a negação da verdadeira liberdade, que é essencialmente harmonia a ordem profunda, tanto mais profunda quando constitui um produto do sentimento humano e nele tem as suas raízes.

O equívoco nasceu do fato de se haverem dado à palavra liberdade diversos sentidos, alguns nos quais, por vezes, discordando, o em absoluto contraste entre si. A definição mais comum e justa: "A liberdade é ausência de restrições violentas", tem sido desvirtuada e muito limitada. Muitas vezes, quando se fala de liberdade, tem-se em conta sobretudo o indivíduo (o próprio indivíduo) ou determinado classe (a própria classe) ou na maioria da qual o indivíduo se sente parte. Bem poucos são os que, ao ouvir esta palavra mágica, pensam realmente no conjunto de todos os seres humanos antes de pensarem neles mesmos, nos inimigos antes dos amigos. Na luminosa visão que esta palavra liberdade sugere, surgem em primeiro plano os direitos que podem ser adquiridos e conquistados, os desejos que podem ser satisfeitos, surgem, em suma, aqueles que a liberdade de todos, incluindo, pensando não vem que a liberdade dos nossos atos nos impõe primeiro o reconhecimento dos deveres que a facilidade de usar os nossos direitos; impõe-nos primeiro o trabalho que a satisfação de gozar os produtos do trabalho.

sua dignidade, dar-lhe aquela independência que é sempre paga com um maior esforço. E nós sabemos que obedecer é muitas vezes comado; e ser livre é sempre difícil. Mas obedecer equivale a ser escravo, pertencer ao dono como um objeto; ser livre é ser humano e ter dignidade.

Aqueles que se libertam de uma tirania devem ganhar o título de homens livres com a livre aceitação e plena consciência das suas responsabilidades que as novas condições trazem consigo.

Conquistar a liberdade, portanto, não sempre quer dizer conquistar os direitos; quer dizer também conquistar os deveres. O escravo não tem deveres; obedece a ordem de mando e não tem remorsos de haver praticado uma ação mádoza; a responsabilidade das suas ações recai sobre o senhor, não a ele. Si a pátria o sustenta e o trata bem, não o acobardando muito, pode até ter a ilusão de que é feliz, daquela felicidade animal que não dá que pensar.

O homem livre, ao contrário, que tem nas mãos a matéria prima e os instrumentos de trabalho, e não há ninguém que lhe imponha fazer uma coisa antes da outra, sente prontamente a responsabilidade das suas ações. Sabe que se cruza os braços e não trabalha, os outros sofrerão por sua causa, sabe que deve organizar o seu trabalho e a sua vida de acordo e em harmonia com o trabalho e a vida dos outros, uma vez que não tem mais o pátrio que pensa por ele, sabe que si o trabalho é mal feito, a culpa é sua. Em uma sociedade de escravos, os indivíduos vivem miseravelmente, mas gozam de relativa tranquilidade; não precisam pensar, não precisam trabalhar, não precisam fazer nada, não precisam preocupar-se de organizar as suas relações com os outros produtores, como produtor e como cidadão. Em uma sociedade de homens livres a responsabilidade não pode deixar de trazer a tranquilidade dos vários componentes; é possível que alguns sintam pesar sobre os seus ombros o peso moral de toda a sociedade, visto que em tudo quanto está faz eles tem a sua parte de interesse e responsabilidade. Ora, no momento numa sociedade injusta como é esta em que vivemos, encontramos fora de nós, como qualquer coisa já feita, um ambiente que nos oprime quando fomos livres, nos sentiremos todos, a cada momento, um pouco criadores dessa sociedade, que não será mais opressiva e mádoza como esta. Não estará em condições de transformar-se, graças à ação conjunta de todos os seres que a compõem.

Numa sociedade de escravos não encontramos senão rebanhos; numa sociedade livre encontramos espíritos livres; mas sabemos que os homens sofrem de uma liberdade que não é a liberdade. Não importa. A satisfação de sentir-se senhor de si mesmo, de sentir-se livre, não se paga nunca muito caro.

Em nossa atividade revolucionária dizemos, muitas vezes — já se tornou lugar comum — que lutamos pela felicidade de todos. Entretanto, pensando-se bem, é difícil sermos realmente persuadidos de que a conquista da independência econômica e da liberdade para todos seja portadora de felicidade, pelo menos, daquilo que os homens entendem por felicidade.

A experiência demonstrou que as conquistas da mecânica — para dar um exemplo — que iluminaram a nossa vida e nos tornaram as riquezas mais acessíveis, não aumentaram a nossa felicidade. A felicidade é diferente de desejo, e a vida, por mais que sejam satisfeitas as nossas aspirações, permanece sempre e continuamente, desejo, isto é, sofrimento. E o esforço é no mesmo tempo sofrimento e prazer. Não é a luta pela conquista da liberdade uma utopia.

Nos desejamos a liberdade para que ela nos restitua, com a responsabilidade das nossas ações, a nossa dignidade de seres humanos.

Combatendo, por exemplo, o capitalismo no campo econômico nos queremos dar ao trabalho a

estar possível, vegetam miseravelmente em condições miseráveis, não são os mantenedores da situação, vigiando os próprios exterminadores de qual quer movimento edificador constituído pelos membros de todas as nações, castas e de mais para abnegação de todos os bens.

Deixei plenas as páginas da história desses tristíssimos acontecimentos.

Nunca o sangue dos mártires foi derramado pelas mãos dos benfeitores da revolução social, jamais foram as barricadas destruídas com os braços dos exploradores das mais confortadoras condições das massas da indústria e do trabalho, em lugar nenhum foram os direitos da liberdade de pensamento, de liberdade de expressão, de liberdade de imprensa, de liberdade de julgamento, nem executados pela mão direta dos nababos, parasitas dos produtores da sociedade contemporânea.

A violência, sempre que provocada por interesses de grupos, jamais foi oponente da massa, os seus beneficiários, os de inimizade mais empedrada, mais impregnada de preconceitos e crenças mentirosas.

Se o material que desse a profundidade de solo para arrastar toneladas de materiais diversos e amontoado que labuta nos arsenais de guerra fabricando milhares de armas diferentes, o único que se encontra nos laboratórios para a pesquisa de alimentos e a produção de materiais diversos, se atrai de armas no meio assassinando os seus próprios computadores de laboratório, se obrigam a praticar tais façanhas, que poderiam ser praticadas contra os próprios de qualquer movimento construtivo da nova sociedade... Que farão os que nunca tiveram a coragem de se erguerem, o aguçado, o insubmisso, o rebelde, os produtores, enfim, das gêneros indispensáveis à manutenção de própria vida, se opuserem um dia a praticar os seus serviços à tirania do dinheiro, a bem dos improdutivos, que se chamam que trabalhar, os marionetes da tirania.

Nenhuma sala, nenhuma morte, nenhuma violência, nenhuma guerra, não pode ser construído por homicidas.

A violência será um elemento que não pode ser usado.

Ela pode a obra libertária em todos os tempos, em todos os lugares, em todos os ambientes: a emancipação dos povos, a libertação dos indivíduos para a transformação da sociedade.

LIBERTO LEMOS REIS



Miseria e desolação — o que produz a sociedade burguesa

“UMA MULHER DIFERENTE”

No festival do dia 8 de Janeiro no Salão do Grémio Hispano-Americano

É com esta peça de autoria do compositor Pedro Catalá, que o Grupo Teatral do Centro de Cultura Social fará realizar no dia 8 de Janeiro, no salão do Grémio Dramático Hispano-Americano, à rua do Gazomão, n.º 738, um grande espetáculo.

Além desta magnífica peça em 3 atos, em que Pedro Catalá estuda interessantes situações psicológicas da mulher na sociedade, será levado a efeito, como sempre, um grande ato variado, no qual tomarão parte elementos de destaque artístico, daquele Grupo Teatral.

A PLEBE

S. PAULO, 4 DE DEZEMBRO DE 1948

ANO 32 — NUM. 20 (Nova fase)

Mais impostos - mais miséria!

PARA COBRIR AS DESPESAS QUE SE FAZEM COM A MANUTENÇÃO DE UMA BUROCRACIA INUTIL E PARASITARIA, OS GOVERNOS AUMENTAM OS IMPOSTOS, ESSES AUMENTOS RECAEM SEMPRE SOBRE O POVO, QUE É O BODE EXPIATORIO DE TODAS AS ORGAS GOVERNAMENTAIS

Todas as vezes que se desequilibram os orçamentos governamentais, e isso acontece sempre, em consequência do aumento, cada vez maior, da burocracia que anda pelos corredores das instituições politico-sociais que sustentam o Estado, burocracia inútil e parasitaria que o povo tem de sustentar para ser por ela explorado e oprimido, os governantes recorrem ao expediente, para eles simplíssimo, de aumentar os impostos. E' por meio de impostos que o dinheiro do povo vai parar as mãos dos lacaios que o escravizam.

Com o aumento dos impostos, que recaem diretamente sobre os comerciantes e industriais, mas que estes despartam para a esquerda aumentando os preços das mercadorias, aumenta o custo da vida, nunca proporcional nunca atingida pelos salários.

Desse desequilíbrio é filha a miséria, que atinge diretamente os pobres trabalhadores. Sim, porque tendo apenas o salário como recurso para atender às suas necessidades e às necessidades de suas famílias; e não conseguindo os salários acompanhar a elevação do custo da vida, têm os trabalhadores a sua situação sempre desajustada. Esse desajustamento se faz sentir em todas as esferas produtivas, seja qual for a categoria ou classe, porque só os trabalhadores sentem o peso do desequilíbrio que se produz em consequência do aumento de impostos e das taxas postais ou de transportes, que elevam o custo da vida.

Fizemos este comentário à margem das discussões da proposta orçamentaria para 1949, apresentada pelo governador à Assembleia Legislativa. Os debates travados em torno desse documento foram de pouca e fêvora, a calamitosa situação em que se encontra o Estado, que abriga no vergonhoso regime do colapso e das desculpas de mau pagador, ao ponto de quase provocar a intervenção federal.

O desmoronar dos governantes, em torno dos quais gravitam os lacaios, os problemas econômicos da nossa sociedade, a manutenção do poder, levam as finanças do Estado à situação de quase bancarrota. É o único remédio que os governantes encontram para solucionar os problemas econômicos de seus governos, é o aumentar mais os impostos, isto é, sobre os salários dos pobres e das populações mais uma via para a sua sangria seja maior.

Quando, entretanto, premidos pelas necessidades, os trabalhadores pedem aumento de salários, quando saem à rua para protestar contra as explorações de que são vítimas, o Estado põe os trabalhadores fora de lei e ataca-os com as suas pretensões e os seus protestos, valendo-se das forças de repressão de que dispõe à custa do próprio povo!

E' este o quadro, que não muda, ainda para pior, que a sociedade capitalista oferece como organização das coletividades humanas.

Por isso, para transformar esse quadro de forma a que possa oferecer aos olhos de todos o aspecto de uma sociedade organizada na base do bem estar para todos os indivíduos, é que os anarquistas lutam. Os anarquistas querem estabelecer no mundo uma organização social onde não haja impostos, porque os impostos não serão necessários. E não serão necessários por uma razão muito simples: não existirá o Estado nem os organismos dos quais ele depende a que vivam dela à custa do trabalho e do suor dos trabalhadores.

Não existindo o Estado, não existirá consequentemente a burocracia, esse monstro de lentidão ramificativa em todas as artérias do organismo social, porque esse enjame de parasitas que hoje nada produz, mas que consomem as melhores energias do sangue proletário, terá de produzir para terem o direito de consumir. Não existirão os exércitos nem as milícias policiais, com todo o cortejo de suas inúteis instituições, porque a sua função está condicionada à existência da propriedade privada, que desaparecerá com o advento do socialismo libertário, isto é — a anarquia.

Na sociedade atual, há o disse uma grande sociologia, inglês, trabalha cada indivíduo para sustentar dez que não fazem nada, ou que, pelo menos, nada produzem de utilidade. Imagine-se o trabalho dividido em iguais condições para todos; que também esses dez que não produzem e consomem, passem a produzir! O que não seria a vida em tais condições? E esse estado de coisas, é essa a organização social estabelecida pelos anarquistas: uma sociedade em que haja liberdade, fartura, justiça, moral, amor e sentimento de solidariedade, tudo livre, tudo para todos!

SOUZA PASSOS

Curso Popular de Higiene Mental

Conforme vem sendo anunciado, as palestras deste curso de Higiene Mental promovidas pelo Centro de Cultura Social, em cooperação com a Universidade Popular, Presidente Roosevelt e Centro de Estudos da Rocha, tem-se realizando normalmente no salão do Instituto de Educação "Caetano de Campos", à Praça da República, que foi gentilmente cedido para esse fim.

Até agora, realizaram-se as seguintes conferências: "Importância da Higiene Mental na Sociedade Moderna" — dr. Francisco Wanderlei; "Os Fatores de Desempenho da Atividade da Esfera Social" — dr. Gláudio Luiz Barros Sales; "Crenças Populares" — dr. Osório Cesar; "Arte e a Literatura na Higiene Mental" — dr. Brenani Borges Carneiro; "Higiene Mental e Política"

— dr. José Angelo Galeras; "Higiene Mental na Atividade (Formas Avançadas)" — dr. Anthere Branda Barata. Deverão ainda realizar-se as seguintes: Dia 25 — "Higiene Mental e Orientação Profissional" — dr. José Longman. DEZEMBRO — Dia 2 — Assistentia dos Hospitais Psiquiátricos — dr. Milton Neves Oliveira. Dia 6 — "Higiene Mental da Família e do Professor" — dr. Pedro de Silva Damasceno. Dia 13 — Curso de Higiene Mental aos Trabalhadores e todas as pessoas interessadas, não necessitando de convites nem ingressos. Início às 20 horas.

ANARQUISTAS

CONGRESSO ANARQUISTICO

"Com toda a pompa e com exuberante exibição de forças e letas das mesmas comemorações, o congresso se realizou em Porto Alegre o Congresso Anarquista" — (Rev. Jornal).

Dizem que Cristo nasceu numa pobre estrofeira, que, pobre e vivo, combatendo a hipocrisia.

Ao vivo, não há igual conceito, onde eles não haviam. A verdade combate. E a verdade preferida.

Se estiverem em unânime de opinião, o que hoje vemos de fato: De vocês anarquistas.

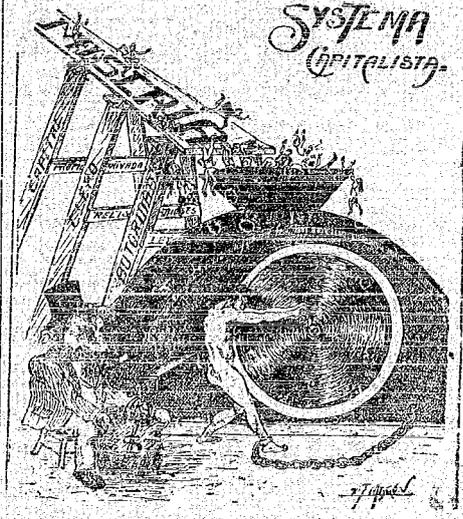
PREMI JOAO SEM CIDADÃO

Registrados, valores postais e cheques em nome de João de Deus Leucarati. Caixa Postal 2102.

Propaganda Anticlerical em Bagé

Do companheiro Venâncio Fagundes Sobrinho, de Bagé, Rio Grande do Sul, recebemos recortes e boletins de propaganda anticlerical por ele publicados e distribuídos naquela região.

Esse companheiro não se limita, porém, a propaganda anticlerical; optou, a sua ação no sentido de desenvolver a divulgação das ideias libertárias, tendo-se destacado na crítica aos polítrons do regime capitalista e a ação hostil contra os ídolos socialistas.



O Sentido Social das Organizações Proletárias

Tendo em conta o princípio fundamental dos sindicatos operários, que é a defesa dos seus interesses de classe, não se concebe a introdução, nas organizações operárias, de elementos estranhos que tenham interesses opostos.

Os sindicatos organizados pelo Ministério do Trabalho, nos quais se intrometem indivíduos adestrados para realizar as suas reuniões, controlar o seu movimento associativo, não podem, realmente, interessar aos trabalhadores.

O Ministério do Trabalho, organismo conservador da burguesia, parte integrante do Estado capitalista, não poderá nunca assumir a defesa dos interesses proletários, porque, se o fizesse, teria criado um estado de incompatibilidade com as classes que dominam e controlam as indústrias, o comércio e a lavoura.

Sabemos que a greve é um estado revolucionário do proletariado para com o capitalismo. Os operários só se decidem a ir à greve depois de haverem fracoado os meios habituais de conversação preliminar, e entendimento harmonioso para obterem a solução dos problemas econômicos, sociais ou morais que determinam esses movimentos. Em última análise, a greve é a manifestação violenta dos interesses em luta.

Ora, o Ministério do Trabalho condena as greves, não as admite, foi criado para evitá-las. As comissões de conciliação com que o Ministério substitui as greves para a solução dos conflitos entre o capital e o Trabalho, não oferecem, nem podem oferecer nenhuma segurança no favor das vontades proletárias. Como não podem recorrer à única arma que possuem para forçar o capitalismo a ceder, porque a greve coloca os capitais em perigo no jogo das compensações comerciais, os trabalhadores serão sempre vencidos nos conflitos com a burguesia. É isso por uma razão muito simples: As Comissões de Conciliação compõem-se de três partes interessadas nos jogos do capital e uma, apenas, interessada na defesa dos interesses proletários.

Admitindo que haja sinceridade nessa representação, as condições de três contra um não podem ser favoráveis aos operários. Além disso, o operário isolado, mesmo que represente interesses coletivos, torna-se fácil de manejar. Se não o convencem, ameaçam-no, tornam-se alvo de perseguições, forçam-no a aceitar as condições favoráveis aos seus patrões, contra os interesses da coletividade operária.

As organizações proletárias tem, além disso, um sentido moral que não se encontra em as deturpações do Ministério do Trabalho. Visam a formação de consciências livres e desenvolvimento da personalidade individual dos trabalhadores, o que não se pode conseguir dentro das concepções da obediência e disciplina moral das organizações dos organismos do Estado. O administrador quer indivíduos que obedecem, não consciências que reclamam e se revoltam. Institui o princípio, sempre falho, da proteção e privaçãoção das causas que afetam a vida das classes oprimidas. Cria o profissionalismo administrativo, o parasitismo moral dos conceitos arcaicos da necessidade de dirigir as massas trabalhadoras. Afirma, sobretudo, o princípio político das lutas eleitorais, transformando as organizações proletárias em campos de experiências políticas, sujeitas aos reveses dos partidos e às lutas ne conquistadas dos cargos públicos.

Não. Os trabalhadores devem repulir o domínio do Ministério do Trabalho e decidirem a conquistar, por sua conta e risco, dentro das suas organizações livres, pela ação direta, se tem estar, a sua libertação do jugo capitalista, a sua emancipação moral e social.

As necessidades dos trabalhadores só são sentidas por eles mesmos. E todas as vezes que aparecem os pretenses membros do ministério, os "defensores" e "dirigentes" só tem uma coisa em vista: domina-los para os explorar em seu benefício ou em benefício de outros.

F. G.

Guerra à Guerra!

REUNIAO INTERNACIONAL PELA PAZ

Do 3 a 11 de agosto de corrente, em três dias em Shrewsbury, na Inglaterra, uma grande reunião de resistência contra a guerra, na qual tomaram parte 102 delegados representantes de 50 nações, homens e mulheres, muitos dos quais sofreram longos períodos de reclusão em consequência da sua atividade antimilitarista. Entre estes se encontravam Robert Noyes, John G. Bennett, que durante quinze anos esteve deportado no Ilha de Diabo por se haver recusado a prestar serviço militar, e Aldo Reelino que, tendo sido condenado a morte pelos fascistas Italianos, pôde, por um objecto, contrariar a guerra, conseguiu evadir-se da prisão e esconder-se durante todo o período da confinação.

Depois de extensas discussões sobre vários argumentos, os delegados presentes aprovaram, por unanimidade, a seguinte declaração de princípios: "Esta conferência da Internacional de Resistência contra a Guerra representa na ordem expressa em tribuna nacional e internacional a opinião de 50 nações, tendo em vista a proibição econômica e política da guerra, quer seja mantida, quer seja abolida; o presente pacto de uma nova ordem mundial, a determinação de todos os seus membros de trabalhar no sentido de se evitar novas confinações; de recusar os cargos de guerra e de não tomar parte em nenhum movimento que vise a guerra; de não aceitar nenhuma concessão a respeito de os ensinamentos de Gandhi, de não reconhecer as suas práticas de que, para resolver pacificamente os problemas internacionais, basta recorrer ao fascismo; de não concordar em nenhuma forma com esta declaração, ou com qualquer outra declaração que se proponha promover a realização de um pacto de não guerra, ou com este, quando a propaganda propagar e a manutenção da guerra, e não se possa alcançar a paz por todos os governos, com a impossibilidade deliberada de manter a própria paz com respeito aos novos conquistados."

IMPORTANTE

Na notícia referente ao Convento Anarquista, publicada no número anterior do A PLEBE, apareceu errado o número da Caixa Postal do jornal, que é 5793. Por um lamentável erro tipográfico apareceu o número 2759, e assim tenha enviado correspondência para esse número nos dará comunicação imediata, para providenciarmos.